

Poema

Raiane Leão da cruz da Silva, CETEP1/ NTE-14

Quinhentismo

(Poema: José de Anchieta)

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

Barroco

(Poema: Giratório de Matos)

Amor Fiel

Ó tu do meu amor fiel traslado Mariposa entre as chamas
consumida, Pois se à força do ardor perdes a vida, A violência
do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim há encontrado, Essa flama girando
apetecida; Eu girando uma penha endurecida, No fogo que
exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas, Tu a vida deixas, eu a morte
imploro Nas constancias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! que a diferença entre nós choro, Pois acabando tu ao
fogo, que amas, Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

Arcadismo

(Poema: Manoel Maria Du Bocage)

Se é Doce

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis
amadores, Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra
gentil, de Amor querida, Que esperta os corações,
floreia os prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em
teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de
amor, melhor que a vida.

Romantismo

(Poema: Álvares Azevedo)

Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

Simbolismo

(Poema: Cruz e Sousa)

Alma solitária

Ó Alma doce e triste e palpitante! que cítaras
soluçam solitárias pelas Regiões longínquas,
visionárias do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante, quantos silêncios,
quantas sombras várias de esferas imortais,
imaginárias, falam contigo, ó Alma cativante!

que chama acende os teus faróis noturnos e veste os
teus mistérios taciturnos dos esplendores do arco de
aliança?

Por que és assim, melancolicamente, como um
arcanjo infante, adolescente, esquecido nos vales da
Esperança?!

Pré-modernismo

(Poema: Augusto Dos Anjos)

Solitário

Como um fantasma que se refugia Na solidão da
natureza morta, Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia Não era esse que a carne
nos contorta... Cortava assim como em carniçaria O
aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça! E eu saí,
como quem tudo repele, - Velho caixão a carregar
destroços

- Levando apenas na tumba carcaça O pergaminho
singular da pele E o chocalho fatídico dos ossos!

Modernismo

(Poema: Oswald de Andrade)

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.